

5

LUIS ALMEIDA MARINS FILHO (*)

**O
PADRE CASTANHO
E ALUÍSIO
DE ALMEIDA**

ABSTRACT

Speech given by Prof. Dr. Luiz Almeida Marins Filho at the opening of the "Week of Aluísio de Almeida", an event sponsored by the Division of Education and Culture of the City Hall of Sorocaba, The Historical, Geographical and Genealogical Institute of Sorocaba, and cosponsored by the Dom Aguirre Foundation and the Department of Social Sciences of the College of Philosophy, Sciences and Languages of Sorocaba. Sorocaba, November 3rd., 1991, The House of Aluísio de Almeida.

RESUMO

Pronunciamento feito pelo Prof. Dr. Luiz Almeida Marins Filho na abertura da "Semana de Aluísio de Almeida", promovida pela Prefeitura Municipal de Sorocaba - Secretaria de Educação e Cultura, Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, com apoio da Fundação Dom Aguirre e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, através de seu Departamento de Ciências Sociais. Sorocaba, 03 de novembro de 1991, Casa de Aluísio de Almeida.

(*) Ph.D. em Antropologia, pela Universidade de Sydney (Austrália), Vice-Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

"O nosso clero paulista ou eram os poucos monges beneditinos e os muitos frades carmelitas e franciscanos, jesuítas até 1759, e não só individualmente tinham voto de pobreza, mas também suas residências e igrejas nunca foram ricas, permanecendo pouco rendosas as sesmarias que possuíam devido à pouca valia geral que tinham.

"E do clero secular, somente o Bispo ganhava como o Governador e morava em "palácio", enquanto os cônegos do Cabido e os párocos chamados colados tinham a renda anual de duzentos mil réis em média. A maioria dos párocos recebia 100 mil réis de conhecenças, espécie de dízimo marcado pelas Câmaras aos adultos que faziam a Páscoa. Eram uns pobres e ainda deviam conservar cavalos nos pastos e cocheiras para acudir doentes sete léguas". (Vida Quotidiana da Capitania de São Paulo (1722-1822), Editora Pannartz, SP, 1975, p.24)

"Este livrinho não é uma história seguida da Revolução Liberal de 1842, cujo theatro passou às raias de Sorocaba. Ser-me-ia muito fácil copiar do tomo XII da Revista do Instituto Histórico de São Paulo, onde vem o trabalho do dr. João Baptista de Moraes; dos livros modernos de Vilhena de Moraes; e dos outros historiadores que ex-professo ou pertransennam tractaram da questão; copiar, digo, ou resumir, ou compilar um enredo continuado e apresentar ao público um livro... inútil.

"Ao envez, este folheto só repete o estritamente necessário, tirando o seu pequeno mas verdadeiro, valor das fontes de 1ª mão, entre outras, as Actas da Câmara de Sorocaba, cuja leitura devo agradecer aqui ao Snr. Prefeito Alcino de Oliveira Rosa e ao Snr. Secretário da Prefeitura, Doracy Amaral."

(Prefácio do opúsculo "Sorocaba, 1842 - Documentação Local" - Typographia Cupolo, S. Paulo, 1938)

"Era uma vez uma princesa que gostava de fazer perguntas. Para passar o tempo. Quem resolvesse as perguntas dela casava-se com ela. Mas foi à toa que os moços de perto e de longe procuravam esse casamento. Ainda bem que não eram enforcados, conforme referem outras histórias parecidas. Iam-se embora envergonhados.

Então um sujeito meio tolo, perrengue, se vestiu bem e saiu de casa todo pimpão, dizendo que ia casar com a filha do Rei. Os vizinhos se regalavam de tanto rir. O que é que esse tolinho havia de acertar?

A princesa recebeu bem o moço. Mandou fixar no soalho, por meio de um parafuso e porca, um caixão.

E perguntou-lhe o que é que estava escondido no fundo do caixão.

O bobo pensou, pensou, coçou a cabeça, se viu mal e respondeu: aí é que a porca torce o rabo! Queria dizer que era muito difícil a pergunta e se via em apuros. Mas sem querer acertou. Era uma porca mesmo, a resposta.

Casou com a princesa."

(50 Contos Populares de São Paulo, 2ª Edição, p.89-90 Conselho Estadual de Cultura, 1969)

"O homem de Sorocaba, ou fosse o rico negociante de fazendas do mar em fora, ou o roceiro ven

dedor de milho, vendeiro fornecedor de gêneros, o dono do botequim e das salas de tavolagem e o mascate, que passou também a viver da feira para a feira. Para a feira preparando-a ou descansando dez meses; dā feira, trabalhando os dois que restavam" (p.43).

"Antes, porém, da concorrência de comerciantes estranhos, já os sorocabanos iniciaram a indústria de artefatos procurados pelos homens do sul e do norte; indústria que só podia ser procedente de matéria-prima local; a pecuária forneceu os couros e os seleiros sorocabanos celebrizaram-se, ajudados pelos ourives que trabalhavam a prata para os arreios, lidando também com o ouro, aliás, trazido pelos próprios mineiros e goianos, enquanto os gaúchos traziam os patacões espanhóis.

"E a agricultura forneceu o algodão, aproveitado para os tecidos grosseiros (para tingir os quais, era abundante nos cerrados a vegetação apropriada) e, sobretudo para as redes.

"As redes sorocabanas ficaram célebres. Eram objetos de utilidade, mas feitos com luxo e gosto.

"As datas em que começaram a propagar-se datam do tempo das bandeiras. É muito notável a coincidência de serem também afamadas as redes de Cui fundada por sorocabanos.

"É indústria feminina. Aumenta a procura, melhora o artigo e crescem as "redeiras", como eram chamadas. Faz-se como que uma escola. É um hábito social, tanto das senhoras ricas quanto das mulheres pobres".

(O Tropeirismo e a Feira de Sorocaba, Sorocaba, 1968, p.43-45)

"Crianças: vocês não verão tantas cidades como esta, que tem gerado filhos tão ilustres! Guardem bem esses quatro nomes: Manuel Lopes de Oliveira, Francisco de Paula Oliveira e Abreu, Antônio Rogick e Manoel José da Fonseca." (História de Sorocaba para Crianças - Sorocaba, outubro, 1980, p.83)

"A imagem do Rosário já não era a primeira, porque os Pretinhos a levaram para a matriz, onde funcionava a Irmandade enquanto construíam o Rosário Novo, que em 1874 ficou pronto graças a Manoel Lopes de Oliveira. Aí, em 1908 se instalou, no casarão dos Lopes, o Colégio de Santa Escolástica. Por 1916, o irmão leigo beneditino que decorava São Bento em São Paulo, pintou nas paredes laterais os 15 mistérios do Rosário. Não puderam salvar esses lindos quadros na derrubada da igreja para a construção da atual. O pátio do Rosário perdeu esse nome. Os Pretinhos, depois de vender as obras aos Lopes, mudaram a Irmandade para o orago de São Benedito, lá por 1825 e andaram passeando de igreja em igreja. Atualmente estão no Bom Jesus dos Aflitos."

(Brasil de Nossa Senhora, Sorocaba, 1974, p.7)

"Nota Final:

"O autor pede desculpas pelas repetições, devidas à sua dificuldade de ler e organizar.

"Fora os livros citados no texto, consultou principalmente "Marie", tomo I, coleção francesa, por vários teólogos, Paris, 1949.

"Agradece a seus confrades do Instituto Histórico de Sorocaba Porfírio Rogick Vieira, Etorre

Marangoni e Adolfo Frioli, a Waldemar I. Fernandes, a Monsenhor José Ribeiro Viana e ao padre Valdomiro Pires Martins e ao dr. Agenor Correa Guerra.

"Aluisio de Almeida é o nome literário de monsenhor Luiz Castanho de Almeida".

(Nota Final do Livro "Brasil de Nossa Senhora" id. ib, p.93)

Com seu estilo próprio, minucioso, detalhista, genealógico, despejando sobre o leitor um número infinito de informações que deixam o leitor apressado atônito e perdido, Aluisio de Almeida, em suas 22 obras publicadas e um sem número de artigos, não deixou escapar nada de Sorocaba, e de tudo o que pudesse a ela se relacionar. Da História Eclesiástica ao Tropeirismo ele desceu aos detalhes, que são mesmo a consciência de que o tempo estava sempre a seu lado e a seu favor, poderia permitir.

Maior que Aluisio de Almeida, só mesmo o Padre Castanho. Preso à sua cadeira de balanço, 30 metros era o máximo da distância que podia percorrer. E, ao invés de se revoltar, de se resignar no lamento e na imobilidade, fez de sua limitação, um poder ilimitado de pesquisar, observar, fazer ilações, e escrever, escrever, escrever, a sua grande paixão, Graças a Deus.

Criança, convivi com o Padre Castanho. Ele incorporava para mim a idéia de um "Santo". Confesso que não conseguia compreender como era possível alguém tão limitado pela enfermidade, ter tanta cu-

riosidade, querer passear tanto e ver coisas novas, e principalmente "saber tanto". Na minha ingenuidade infantil, imaginava que durante a noite, o Espírito Santo vinha baixar sobre o Padre Castanho e lhe ensinava tudo, o fazia ver e viajar coisas que, no dia seguinte, ele descrevia e contava como se as tivesse experimentado de primeira mão.

Um padre santo, um iluminado, um homem em quem a fé, a esperança, a caridade e a humildade foram palpáveis e contagiantes.

Pensei, pensei e achei que só para falar do Padre Castanho, só mesmo Aluisio de Almeida. Daí ter decidido pelas citações que fiz e que creio puderam dar um pequeno panorama de suas várias facetas de homem, historiador, folclorista e, acima de tudo, sacerdote.

"Sorocaba, 03 de janeiro de 1977"

Exmo. e Rvdmo. Sr. Dom José

Venho pedir a sua benção para o novo ano. Já lhe dei as boas festas quando V.Excia. passou por aqui com Dom Amaury e Dom Misiara.

Esta é para solicitar-lhe a caridade de não me fazer ir morar no Lar Sacerdotal, em vias de conclusão. Creio que não viverei até maio ou junho, quando será inaugurado. Mas tudo é possível para Deus e eu sinto-me agoniado só em pensar que terei de abandonar em vida a tapera onde fui feliz 40 anos, com os pais e irmãos. Só a Santa Missa diária tem 29 anos! O argumento é a melhor assistência, mas o meu problema vai se resolvendo graças a Deus: não passo a noite só e de dia tenho sempre gente inclusive de fora daqui; passo horas e horas no portão,

horas e horas olhando os carros passarem sem sair do escritório ou descansando os olhos na árvore e no meu jardim caipira. A minha solidão é aparente. V. Excia. não imagina o bem que me fez deixando rezar a missa em latim, no Missal antigo. Revivo ao dizer há 50 anos: Introibo ad altare Dei!

Numa carta é impossível dizer como eu sofreria com as humilhações de meus incômodos intestinais...

Outras alegrias são as duas irmãs que me restaram, às vezes o sobrinho ou algum amigo. Tudo isso eu teria no Lar Sacerdotal, mas não é como em meu velho rancho. Eu gosto de móveis velhos, assoalho limpo sem drogas, andar 30 metros da porta da rua ao fundo. No jardimzinho só desço um degrau. A cadeira de quatro rodinhas é invenção minha. Ainda reúno mensalmente a diretoria do Instituto Histórico. O Luizito Marins que o diga! O médico diz que devo mexer as juntas. Se ficar nos cômodos fico paralítico. V. Excia. já deve estar cansado de decifrar a minha letra.

Resumo: peço ao bispo que como Pai me atenda e me mande uma palavrinha simples, p.ex.: SOSSEGUET

Agradecendo muito ao Senhor, beijo-lhe o anel ao sistema antigo. O Amigo velho desde 1924.

Pe. Luiz Castanho de Almeida."

Padre Castanho faleceu às 9h40min do dia 28 de fevereiro de 1981, nesta mesma casa, onde hoje o festejamos, mais vivo do que nunca.

Muito obrigado!